ENTRE A VERDADE E O ERRO

Uma abordagem sobre temas atuais que desafiam a fé cristã

C. J. JACINTO

Entre a Verdade e o Erro

Uma abordagem sobre temas atuais que desafiam a fé cristã

C. J. Jacinto

Temas abordados neste opúsculo:

Conspirando Contra a Doutrina da Trindade

O Fim do Mundo que Não Aconteceu: Das Profecias Catastróficas à Esperança Bíblica

PSEUDO-PSICOLOGIA E FÉ CRISTÃ: UM GUIA DIDÁTICO DE DISCERNIMENTO

Fraudes Espirituais e Armadilhas perigosas

UMA RESPOSTA CRISTÃ AO MOVIMENTO WOKE

Conspirando Contra a Doutrina da Trindade

"A Trindade é confusa?"

Como as Testemunhas de Jeová distorcem história para negar que Jesus é Deus — e como desmontar isso com simplicidade

Você já pegou um daqueles folhetos bem caprichados, cheio de citações, nomes importantes, e pensou: "Deve ser verdade, né? Tá escrito por gente formada..."

Pois é, é exatamente aí que mora o perigo.

O folheto "A Trindade", publicado pela Sociedade Torre de Vigia (Watch Tower), é um exemplo clássico de aparência acadêmica com conteúdo desonesto. Ele parece sério, mas quando você risca a tinta, vê que a base é furada. Vamos desmontar isso de um jeito leve, sem drama, só com verdade.

Os "especialistas" que não acreditam em nada

O folheto adora citar teólogos, historiadores e estudiosos pra dar peso às ideias. Só que esquece de avisar que esses caras também negam a Bíblia inteira.

Hans Küng, por exemplo, é apresentado como “teólogo católico”, mas foi censurado pelo Vaticano justamente por negar dogmas centrais da fé. Adolph Harnack, outro nome badalado, não acredita que o Evangelho de João foi escrito por João. Arthur Weigall, citado com pompa, negou a ressurreição física de Jesus e a virgindade de Maria. E os unitários? Não aceitam Jesus como Deus, nem como Salvador — são cristãos só no nome. Ou seja, não são críticos da Trindade, são críticos da fé cristana como um todo. É como pedir opinião de vegano sobre picanha: ele já decidiu que não gosta, não importa o tempero.

"Os primeiros cristãos acreditavam como a gente!" – Será?

Outro truque do folheto é insinuar que os pais da igreja — aqueles que viveram logo após os apóstolos — não viam Jesus como Deus. Só que quando você abre o texto original, a história é outra.

Justino Mártir, por exemplo, é citado como quem chamou Jesus de “anjo”. Mas o texto completo mostra que ele identificava Jesus como o Anjo do Senhor que apareceu a Moisés — e se identificou como YHWH, o nome de Deus em Êxodo 3. Irineu, outro “testemunha” usada pela WT, disse que Jesus perdoa

pecados, algo que só Deus pode fazer. Tertuliano, amplamente citado, foi quem inventou a palavra “Trindade” em latim — e ainda assim explicou que são três pessoas, uma só essência.

Percebe? As aspas são meio-dadas, as reticências são suspeitas, e a conclusão é inventada. É como cortar um áudio no meio e fazer a pessoa dizer o oposto do que pensava.

"Se eu não entendo, então tá errado" – Cuidado com esse vacilo
Um dos argumentos mais usados pelo folheto é o apelo à emoção: "A Trindade é confusa, ninguém entende, então não pode ser verdade." Primeiro, mistério não é contradição.

Ninguém entende direito como a luz é onda e partícula ao mesmo tempo, mas ninguém nega que exista. Segundo, Deus não precisa caber na sua cabeça. Se eu conseguisse enquadrar o infinito no meu cérebro, o que estivesse ali não seria Deus, seria um deus de brinquedo.

Experimentinho de casa: três pode ser um sim. O folheto grita: "Três não pode ser um!"

Faz esse teste aí em casa: Acenda uma vela. Com ela, acenda outra vela. Apague a primeira. Quantas chamas você tem? Duas. Quantas essências de fogo? Uma só.

A segunda chama não é um deus diferente, ela participa da mesma natureza da primeira.Analogia perfeita? Não.

Mas mostra que "três" e "um" podem coexistir sem virar uma confusão!.

Por que isso importa no seu dia?

Se Jesus não é Deus, seu perdão é só conselho de amigo.

Se Jesus não é Deus, sua morte não vale infinitamente.

Se Jesus não é Deus, ele não pode estar com você sempre — porque criatura tem limite.

A Trindade não é doutrina pra te deixar confuso, é a garantia de que Deus mesmo veio te buscar, se importou tanto que se tornou gente, e nunca vai te deixar no escuro.

Resumo de tudo

A Torre de Vigia não tá só reinterpretando a Bíblia, ela re-escreve a história, seleciona os “especialistas” e fabrica um deus que cabe no bolso — mas não cabe no céu. A Trindade é misteriosa? Sim.
Mas é exatamente esse Deus misterioso quem te ama com um amor que sua cabeça não calcula — e seu coração já sente.

O Fim do Mundo que Não Aconteceu: Das Profecias Catastróficas à Esperança Bíblica

Introdução: O Medo na Virada do Milênio

A década de 1990 foi tomada por uma onda global de ansiedade apocalíptica. Enquanto os computadores se preparavam para o "Bug do Milênio", a cultura popular era inundada por teorias sobre um fim iminente. No centro desse furacão de especulações estava um evento cósmico aterrador: a inversão dos polos magnéticos da Terra. Este artigo não é apenas um registro histórico de previsões fracassadas, mas uma investigação sobre por que somos fascinados pelo fim e onde podemos encontrar uma esperança que não falha.

---

1. Os Profetas do Apocalipse: Nostradamus, Blavatsky e Cayce

O renascimento da popularidade de Nostradamus nos anos 90 forneceu um terreno fértil para interpretações catastróficas. Seus versos enigmáticos, descontextualizados, eram apresentados como "provas" de que a virada do milênio traria uma transformação geofísica radical.

O movimento New Age amalgamou essas ideias, encontrando nos escritos de Helena Blavatsky, fundadora da Teosofia, supostos indícios de ciclos de destruição e renascimento planetário. Mas foi a "profecia" mais específica que ganhou força: a do vidente americano Edgar Cayce.

Cayce, em leituras feitas décadas antes, havia mencionado mudanças na crosta terrestre e supostamente fixado 1998 como o ano para um cataclisma final envolvendo a inversão dos eixos. A combinação de um nome "psíquico" respeitado em

certos círculos com uma data precisa foi combustível para o medo.

2. A (Pseudo)Ciência por Trás do Mito: De Schiaparelli a Velikovsky

A força da teoria vinha de sua aparente base científica. A ideia original é creditada ao astrônomo italiano Giovanni Schiaparelli, que, no século XIX, teorizou sobre ciclos catastróficos na história da Terra. Alguns proponentes místicos, então, encaixaram nisso um ciclo místico de 7.000 anos.

A figura mais influente nesta ponte entre ciência marginal e especulação foi Immanuel Velikovsky. Este russo-judeu, psiquiatra e discípulo de Freud, causou polemica nos anos 50 com seu livro "Mundos em Colisão". Nele, Velikovsky propunha que catástrofes planetárias (como o "Dilúvio") foram causadas por inversões polares desencadeadas por encontros cósmicos próximos. Suas ideias, rejeitadas pela comunidade científica, foram popularizadas décadas depois por Carl Sagan, que as usou justamente no seu lendário série "Cosmos" como um exemplo clássico de hipótese pseudocientífica – embora sua menção, para muitos, tenha soado como um endosso.

3. O Silêncio de 2000: Quando as Profecias Falham

O relógio chegou a meia-noite de 31 de dezembro de 1999. O milênio virou. E... nada aconteceu.

Os polos magnéticos permaneceram em seus lugares (embora, cientificamente, saibamos que a migração do polo norte magnético é um processo lento e contínuo, sem qualquer catástrofe associada). As cidades não foram engolfadas por tsunamis gigantescos. O eixo de rotação da Terra não capotou.

(Esse catastrofismo místico voltou a ganhar popularidade em 2012 com as supostas profecias maias)

O que aconteceu, então, com os profetas? Nostradamus voltou à prateleira dos livros de curiosidades. Edgar Cayce e suas previsões específicas caíram no "sono do esquecimento", lembrados apenas como um capítulo pitoresco da história do pensamento New Age. O modelo de Velikovsky foi arquivado como uma curiosidade histórica. O mundo seguiu em frente, e a próxima grande onda de ansiedade apocalíptica só viria mais de uma década depois, com as profecias maias de 2012 – que, claro, também não se cumpriram.

4. A Resposta Bíblica: Juízo, Purificação e uma Esperança Concreta

Diante desse histórico de previsões falhas, uma pergunta persiste: E se houver uma fonte de revelação sobre o fim que seja confiável?

A Bíblia aborda o fim dos tempos com solenidade e clareza, mas de um ponto de vista radicalmente diferente do catastrofismo sensacionalista.

A Certeza do Juízo: As Escrituras afirmam, sem ambiguidade, que a história humana e cósmica terá um desfecho moral. O julgamento de Sodoma e Gomorra (Gênesis 19) é apresentado como um precedente e uma sombra de um juízo final. O apóstolo Pedro é direto: "Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas" (2 Pedro 3:10).

Não Fim, mas Transformação: O foco bíblico não é na destruição por si só, mas na purificação e renovação. O mesmo texto de Pedro continua: "Nós, porém, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça" (2 Pedro 3:13). Esta é uma visão de esperança, não de terror.

A Promessa Definitiva: O profeta Isaías ecoa esta visão com uma poesia poderosa: "Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão" (Isaías 65:17) e "Porque, como os novos céus e a nova terra, que hei de fazer, estarão diante de mim, diz o Senhor..." (Isaías 66:22).

O contraste não poderia ser maior. Enquanto as previsões místicas e pseudocientíficas focam em catástrofes físicas arbitrárias com datas específicas e falíveis, a perspectiva bíblica apresenta um processo moral de purificação que culmina na criação de uma realidade renovada, onde a injustiça, o sofrimento e a morte são abolidos.

Conclusão: Para Onde Olhar Quando o Mundo Parece Acabar?

A história das previsões falhas de inversão polar nos ensina mais sobre nós mesmos do que sobre o planeta. Ela revela nosso medo do desconhecido, nossa fascinação pelo drama cósmico e nossa tendência a buscar respostas simples para perguntas complexas.

No entanto, essa jornada pelo "fim do mundo que não aconteceu" serve para destacar, por contraste, a solidez e a

profundidade da esperança cristã. Esta não se baseia na interpretação dúbia de centúrias ou nas leituras de um psiquiatra, mas na promessa histórica e revelada de um Deus que é soberano sobre a história.

As profecias bíblicas sobre "novos céus e nova terra" não são adivinhações para se marcar no calendário com ansiedade. São o clímax de uma narrativa de redenção, a garantia de que a criação, manchada pelo pecado, não será abandonada, mas gloriosamente refeita. Elas não incutem pânico, mas convidam à esperança vigilante e a uma vida de significado, alicerçada na única fonte que tem autoridade para falar sobre o princípio, o meio e, especialmente, o fim.

O verdadeiro fim não é um evento a se temer, mas um recomeço a se aguardar.

PSEUDO-PSICOLOGIA E FÉ CRISTÃ: UM GUIA DIDÁTICO DE DISCERNIMENTO

Introdução

Vivemos em uma época saturada de slogans motivacionais, livros de autoajuda e discursos emocionalmente sedutores que prometem cura interior, libertação emocional e "plenitude" através de métodos simplificados. Essa *psicologia pop* — ou *pseudo-psicologia* — mistura conceitos distorcidos, filosofia secular e espiritualidade gnóstica, criando uma versão adulterada do cuidado da alma.

Embora muitas ideias pareçam inofensivas, neutras ou até cristãs, grande parte desse universo apresenta **mitos incompatíveis com a fé bíblica**.

Este artigo pretende ser um guia didático para discernir esses erros à luz das Escrituras, baseando-se nos cinco mitos expostos no documento analisado e acrescentando uma reflexão pastoral voltada ao cristão contemporâneo.

---

1. Mito: “O ser humano é basicamente bom”

A psicologia pop afirma que não existe nada fundamentalmente errado no ser humano; apenas falta autoestima ou autoconfiança. Autores como Melody Beattie e Peter McWilliams insistem que estamos “exatamente onde deveríamos estar” e que não existe pecado essencial.

Por que isso é perigoso?

Porque elimina a necessidade de arrependimento, redenção e cruz.

O que diz a Bíblia?

A Escritura revela o oposto:

- “Em pecado me concebeu minha mãe” (Sl 51.5)
- “Todos pecaram” (Rm 3.23)

A natureza humana não é neutra; é inclinada ao erro desde a infância. E negar isso é negar também a obra de Cristo, que veio **para salvar pecadores** (1Tm 1.15).

O problema espiritual da pseudo-psicologia

A raiz desse mito é gnóstica: afirma que **o mal não existe**, apenas ignorância ou má educação. Assim:

- não há culpa verdadeira,
- não há pecado,
- não há juízo divino.

Consequentemente, **não há Cristo como Salvador** — apenas um conselheiro moral.

---

2. Mito: “O que precisamos é de mais autoestima”

Livros de autoajuda ensinam afirmações como:

- “Eu valho porque existo.”
- “Estou perfeitamente bem como sou.”
- “Tenho o direito de satisfazer minhas necessidades.”

Isso reduz o ser humano a um centro autônomo que se basta.

O que isso gera?

Uma pessoa guiada por desejos, instintos e autoindulgência, destruindo qualquer senso de pecado e responsabilidade moral.

A visão cristã é oposta

A Bíblia não fundamenta o valor humano no ego, mas na Imagem de Deus:

- **Nosso valor é dado por Deus, não construído por nós.**
- **A autoestima é flutuante; a dignidade humana é constante.**

O problema do ser humano não é falta de autoestima, mas **autocentramento**.

Cristo não nos chama a elevar o ego, mas a negar o ego (Mt 16.24).

---

3. Mito: “Não posso amar o próximo até aprender a amar a mim mesmo”

Esse mito é onipresente na cultura.

Canções, livros e palestras repetem:

“Primeiro ame a si mesmo.”

Mas isso não tem base bíblica.

A antropologia cristã

Jesus disse:

"Ame o próximo **como** a si mesmo" (Mc 12.31).

Ele *pressupôs* que já nos amamos demais. A inclinação natural é **excesso**, não falta, de amor próprio.

Por isso, o foco do Evangelho é:

- negar a si mesmo,
- exercer caridade,
- servir ao próximo,
- amar a Deus acima de tudo.

A pseudo-psicologia inverte isso e transforma o "eu" em objeto de culto — uma forma refinada de idolatria interior.

---

4. Mito: "Não devemos julgar nada nem ninguém"

O relativismo psicológico afirma:

"Não existem ações boas ou más; cada pessoa faz o melhor que pode naquele momento."

Isso destrói qualquer noção de moralidade objetiva.

Mas o cristianismo é moral por natureza

A Bíblia ordena:

- discernir espíritos (1Jo 4.1),
- julgar com justiça (Jo 7.24),
- corrigir quem erra (Gl 6.1),
- rejeitar o mal (Rm 12.9).

O que Jesus proibiu foi **o julgamento hipócrita**, não a avaliação moral.

Sem discernimento, não existe santidade — apenas caos emocional camuflado de tolerância.

A pseudo-psicologia destrói o conceito de pecado para evitar desconforto emocional, mas isso impede arrependimento e conversão.

---

5. Mito: “Toda culpa é ruim”

Autores como Wayne Dyer afirmam que a culpa deve ser eliminada, porque seria apenas manipulação ou condicionamento cultural.

Para isso, ensinam até a fazer algo errado propositalmente para “matar” a culpa.

Biblicamente, existem dois tipos de culpa

1. **Culpa mundana** — que gera desespero, autopiedade e morte espiritual (2Co 7.10).
2. **Culpa piedosa** — que conduz ao arrependimento, mudança e vida.

Eliminar a culpa verdadeira é eliminar o arrependimento.
E sem arrependimento não existe:

- restauração,
- transformação,
- salvação.

O fio condutor da pseudo-psicologia: gnosticismo moderno

O texto analisado identifica corretamente que todos esses mitos se conectam a um antigo sistema espiritual: **o gnosticismo**, que afirma que:

- O mal é ilusão;
- O homem é divino;
- A verdade está dentro de si;
- A salvação é autoconhecimento.

Isso é frontalmente oposto ao cristianismo, que ensina que:

- O mal é real;
- O homem é caído;

- A verdade vem de Deus;
- A salvação é Cristo, não o ego.

A *autoajuda* substitui Cristo pelo "eu interior". É religião sem Deus, espiritualidade sem cruz e cura sem arrependimento.

Conclusão: Por que a pseudo-psicologia é perigosa para a fé cristã

A pseudo-psicologia:

- **Elimina o pecado**,
- **Nega a responsabilidade moral**,
- **Idolatra o eu**,
- **Esvazia a culpa verdadeira**,
- **Relativiza o mal**,
- **Reformula a salvação como autodescoberta**,
- **Expulsa Cristo da equação**.

É exatamente por esse motivo que ela adapta tão bem ao espírito da era: leve, confortável, emocionalmente agradável e espiritualmente destrutiva.

O cristão precisa discernir tudo à luz da Escritura, lembrando que:

- O problema do homem é o pecado.
- A solução do homem é Cristo.
- A cura da alma é a santificação.
- A transformação verdadeira ocorre pela graça, não pelo ego.

Autoajuda promete alívio; o Evangelho oferece redenção. Autoajuda fortalece o eu; o Evangelho crucifica o eu para gerar nova vida.

Fraudes Espirituais e Armadilhas perigosas.

Em sua primeira epístola, mais precisamente no capítulo 2, versículo 26, de 1 João, o apóstolo João expõe a razão pela qual escreveu suas epístolas, afirmando: "Estas coisas vos escrevi acerca dos que vos enganam." De maneira semelhante, o propósito deste artigo é apresentar advertências sobre indivíduos que se utilizam do nome de Cristo, do Evangelho e da fé cristã para enganar e manipular.

A respeito daqueles que agem dessa forma, o apóstolo Paulo, em 2 Timóteo, capítulo 3, versículo 8, os descreve como "corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé". Em contraste, em 1 Timóteo, capítulo 6, versículo 11, Paulo delineia as características do homem de Deus, que busca a justiça, a piedade, a fé, o amor, a paciência e a mansidão.

Em Romanos 16:18, Paulo descreve uma das principais estratégias empregadas por falsos mestres e enganadores: através de palavras persuasivas, eles seduzem e desviam o coração dos incautos.

As advertências de Paulo não se limitam a isso. Em Efésios, no capítulo 4, versículo 14, ele adverte que os cristãos não se comportem como crianças inconstantes, levadas por todo vento de doutrina e pela astúcia dos homens que, com engano, induzem ao erro. Notem a perspicácia de Paulo, que já identificava, em sua época, as táticas fraudulentas empregadas para manipular pessoas incautas. Essa estratégia, baseada no engano e na fraude, tem sido recorrente em diversos contextos, como demonstrarei aos leitores deste artigo. Constata-se, assim, uma continuidade: as mesmas táticas que os enganadores do tempo do Novo Testamento utilizavam ainda são empregadas nos dias atuais.

Outra passagem relevante, presente em 2 Pedro, capítulo 2, versículos 1 e 2, também aborda o tema do engano. O apóstolo Pedro adverte sobre aqueles que, por meio da manipulação, visam ao lucro. Tais práticas fraudulentas são motivadas, essencialmente, por ambições egoístas: a busca por fama, reconhecimento, veneração e, acima de tudo, o ganho financeiro proveniente da exploração religiosa.

Recentemente, tive a oportunidade de ler um artigo do Dr. Ron Rhodes, renomado apologista nos Estados Unidos e autor de diversas obras, algumas delas traduzidas para o português. O título do artigo, que se apresenta como uma questão, é: "Os médiuns psíquicos estão se comunicando com espíritos desencarnados ou com espíritos demoníacos?". O artigo foi publicado no site apologético Christian Answers, que também edita um periódico, com excelente teor biblico. O texto, que serve como um guia para debates sobre apologética, foi escrito em Austin, Texas. Nele, Ron Rhodes aborda a mediunidade, com foco especial nos médiuns ligados à certos segmentos da Nova Era, frequentemente denominados canalizadores ou médiuns psíquicos. O autor oferece uma análise concisa das técnicas empregadas por muitos médiuns, motivados pela busca de reconhecimento, fama e lucro, referindo-se a essas práticas como "pesca de informações".

No artigo, o Dr. Ron Rhodes apresenta uma posição clara: ele reconhece a existência de relatos de experiências sobrenaturais e de fenômenos paranormais descritos por médiuns. Contudo, em sua análise, Rhodes também aborda o subjetivismo e as estratégias utilizadas por alguns médiuns para manipular, enganar e obter ganhos

financeiros, fama e reconhecimento. Segundo Rhodes, a busca por notoriedade, inerente à prática da mediunidade, pode satisfazer o ego. Ele examina as táticas e técnicas empregadas, que, por serem subjetivas, relativas e genéricas, possibilitam que os médiuns façam afirmações que parecem corretas, mas que, na realidade, baseiam-se em informações deduzidas do contexto.

Nos Estados Unidos, é frequente a participação de médiuns psíquicos em programas televisivos. Estes médiuns psiquicos, comumente, utilizam uma audiência para demonstrar suas supostas habilidades paranormais. Para tanto, empregam diversas técnicas subjetivas, conhecidas como "pesca de informações". Essa subjetividade é empregada para tentar obter abordagens e apresentar alegadas manifestações mediúnicas, ou como evidências de comunicação com o mundo espiritual. Trata-se, em última análise, de uma tática que pode ser identificada por qualquer indivíduo com um mínimo de conhecimento sobre a dinâmica do engano e da manipulação de informações, frequentemente utilizada para fins de lucro ou para obtenção de vantagens pessoais contextualizados a uma circunstância.

Diante da presença de um público, como em sessões mediúnicas, onde indivíduos buscam mensagens ou informações do plano espiritual, a receptividade pode tornar as pessoas vulneráveis a equívocos. É crucial que os participantes adotem uma postura crítica e estabeleçam critérios rigorosos para avaliar as informações recebidas, supostamente provenientes do mundo espiritual, o que é algo praticamente ausente, tornando a possibilidade de engano muito grande. Um conhecimento básico das Escrituras será suficiente para não se envolver com a mediunidade.

A Bíblia Sagrada, em 1 João, capítulo 4, versículo 1, adverte sobre a necessidade de discernimento, instruindo a não acreditar em todo espírito, mas a prová-los. Portanto, ao se envolver em práticas espiritualistas ou espíritas, é imperativo que se utilize o discernimento bíblico e não se aceite qualquer informação sem análise crítica e espiritualmente sadia. A ausência de critérios pode conduzir à manipulação e ao engano e a perdição eterna. A seguir, alguns exemplos. Um médium, diante de uma audiência, pode comunicar informações generalistas, como a de que alguém estaria vivenciando uma transformação pessoal. Por exemplo, o médium poderia declarar: "Percebo que alguém aqui está em um momento de profunda mudança". Dada a natureza genérica dessa afirmação, proferida a um grupo numeroso, é provável que ressoe com indivíduos que estejam, de fato, enfrentando crises ou transições significativas.

Essa abordagem se assemelha à ação de um pescador que lança uma isca em um lago repleto de peixes; inevitavelmente, algum peixe será atraído. Da mesma forma, as informações transmitidas funcionam como uma isca. Em uma platéia de 40, 50, 60, 70 ou até 100 pessoas, quanto maior o número de presentes, maior a probabilidade de que alguém esteja passando por um período de crise ou transformação pessoal. Tais experiências são comuns e inerentes à vida humana, manifestando-se em nossos círculos sociais e familiares. Portanto, o exemplo ilustra como uma informação genérica, direcionada a uma multidão, pode encontrar ressonância com indivíduos que vivenciam experiências semelhantes àquelas descritas.

Uma estratégia empregada é o uso de nomes, pois a evocação de laços familiares e parentais frequentemente desperta emoções.

Um suposto médium pode, por exemplo, perguntar: "Há alguém presente que tenha perdido um ente querido cujo nome inicie com a letra 'S'?" Em um grupo numeroso, a probabilidade de encontrar alguém nessa situação é alta. Essa abordagem aumenta significativamente as chances de o médium obter uma resposta que pareça precisa. A técnica reside na ambiguidade e na subjetividade da pergunta, o que eleva a taxa de sucesso. Quase invariavelmente, em um grupo de 20, 30, 40 ou mais pessoas, haverá alguém que se encaixe na descrição, utilizando um nome iniciado pela letra 'S'. É essa dinâmica que muitos médiuns utilizam, com o objetivo de obter resultados. Essa prática não se baseia em informações sobrenaturais, mas sim em uma técnica de "pesca" de informações. O médium lança uma pergunta abrangente, confiante de que alguém responderá positivamente, pois a natureza genérica da questão garante que ela ressoe com pelo menos um indivíduo presente.

Outra estratégia, utilizada para obter informações ou manipular a interpretação, consiste em convencer as pessoas de que estão recebendo mensagens de origem sobrenatural. O médium, nesse caso, pode direcionar ao público a seguinte afirmação: "Percebo, estou recebendo informações de que há alguém na platéia que perdeu a mãe." Considerando uma platéia numerosa, com 100 a 150 pessoas, por exemplo, a probabilidade de que alguém tenha vivenciado essa perda é considerável. Dessa forma, a chance de erro é minimizada. Essa abordagem resulta, quase sempre, em um sucesso na tentativa de parecer dotado de capacidade adivinhatória.

Em uma sessão, a probabilidade de acerto é alta, o que diminui o risco de equívocos para o médium. Esses exemplos ilustram como a obtenção de informações e o uso de perguntas genéricas são empregados de forma a contextualizar as afirmações. Essas perguntas, por terem um significado genérico possuem em si um efeito psicológico e dinâmico em situações que envolve muita gente, e por isso mesmo geram resultados positivos.

Indivíduos, desprovidos de cautela e senso crítico, podem acreditar que o médium está recebendo mensagens do além, quando, na realidade, ele está utilizando a dedução e a coleta de informações para, com alta probabilidade de acerto, obter sucesso em sua performance. O contexto, portanto, garante uma posição segura para a obtenção de resultados, e o uso desse truque dá uma enorme vantagem para quem conhece essa estratégia.

Dessa forma, alguns médiuns psíquicos empregam uma dinâmica que facilite alcançar seus propósitos. Adicionalmente, considere o seguinte exemplo: diante de uma audiência numerosa, composta por muitos indivíduos de idade avançada, a probabilidade de um médium abordar temas relacionados à saúde, a fim de inferir possíveis enfermidades, tende a aumentar. Isso se deve ao fato de que, com o avançar da idade, cresce a predisposição ao desenvolvimento de doenças. Portanto, é fundamental compreender que um médium psíquico pode manipular as circunstâncias e, a partir delas, elaborar suas deduções, visando maximizar o número de acertos, em consonância com o contexto social no qual está inserido.

Ao longo de minha jornada cristã, vivenciei diversas situações, principalmente em contextos eclesiásticos pentecostais e neopentecostais, nas quais observei a utilização de uma prática enganosa por alguns pregadores

que usam as mesmas táticas dos médiuns psíquicos. Essa prática consistia na obtenção de informações prévias sobre os fiéis, utilizadas posteriormente como "isca" para manipular a audiência durante cultos ou sessões de cura. Não se tratava de revelações divinas, mas sim de uma técnica de manipulação baseada no uso estratégico de informações para alcançar um objetivo específico.

Embora seja importante ressaltar que nem todos os pregadores adotam tais práticas, é freqüente em movimentos carismáticos o uso de táticas semelhantes às dos médiuns, quero reiterar aqui, que durante muitos anos fui uma testemunha presencial do que estou afirmando, e creio que os leitores que estão familiarizado com esses tipos de pregadores não irão discordar. Muitos pregadores carismaticos baseadas em supostas revelações divinas e novas revelações espirituais, com o objetivo de alcançar determinados fins usam o método da “pesca de informações” aproveitando as mesmas circunstâncias e contextos: uma platéia com uma boa quantidade de pessoas. A seguir, apresentarei alguns exemplos. Conheço pregadores que, do púlpito, afirmaram ter recebido revelações divinas sobre dificuldades enfrentadas por indivíduos presentes na congregação. Ao lançar essa "isca" para um grupo com mais de cinqüenta ou sessenta pessoas, a probabilidade de acerto é considerável, enquanto a de erro é reduzida ao mínimo. Essa estratégia, portanto, pode ser empregada por alguns pregadores para autenticar seu ministério, angariar fama e poder, e até mesmo obter recursos financeiros dos fiéis. Ao se valer de uma abordagem comercial da religião, o pregador pode necessitar dessas táticas e técnicas para garantir o lucro, explorando o suposto dom de revelação que na verdade

nada mais é do que o mesmo truque usado por médiuns psíquicos.

É relativamente simples replicar as técnicas empregadas por certos médiuns, conforme detalhado no artigo do Dr Ron Rhodes.
Considero fundamental compreendermos essa dinâmica com clareza, pois, ao longo da minha experiência, observei diversas instâncias de manipulação semelhantes. A vigilância atenta a esses aspectos é crucial. O propósito deste artigo é elucidar e alertar sobre essas questões, razão pela qual o estou escrevendo.

É observável que um indivíduo pode ocupar um lugar de destaque, como um púlpito, e, direcionando seu olhar a uma vasta audiência reunida em um culto, insinuar algo por motivos egoístas e maquiavelicos. A partir de suas inferências, pode, então, invocar o nome de Deus como fonte de revelação, afirmando que alguém entre os presentes, especialmente em um grupo com diferentes faixas etárias, está acometido por condições como diabetes, hipertensão, depressão ou insônia e a margem de acertos ser extremamente grande, e se ele errar, ainda assim estará diante de expectadores totalmente passivos. Um outro truque ainda será usado pelos manipuladores carismáticos, eles se autoconsideram um grande poder de Deus, mediadores com uma missão espiritual e agentes consagrados para serem os representantes especiais na terra, isso provoca um impacto psicológico muito grande nas pessoas sem discernimento. Na possibilidade de algum erro ou ser questionado ou ainda confrontado por alguém, ele usará o terrorismo psicológico, o uso de uma falácia chamada de “Ad Baculum” que significa responder com

ameaças para impor medo no oponente, questionar o enviado ou o homem usado por “deus” significa confrontar o próprio Deus e sofrer as piores conseqüências possíveis. Aqui podemos observar como um enganador se serve de amplo arsenal maquiavélico para manter seu sistema de engano. Um simples conhecimento das Escrituras nos leva ao fato simples que homens verdadeiramente santos , estarão sempre prontos para responder com mansidão e temor, a qualquer que pedir uma razão acerca das coisas relacionadas ao ministério cristão (Leia I Pedro 3:15)

Pregadores maquiavélicos usam a tática “Os fins justificam os meios” podem se valer de estratégia psicológicas, eles são extremamente egoístas e farão uso dessas coisas. Diante de uma platéia heterogênea, ele terá sucesso ao enunciar frases genéricas, como se fossem aleatórias mas que alcançam sempre alguém de forma certeira. Expressões como "Deus está revelando que há alguém aqui com diabetes", "alguém com pressão alta", "alguém com insônia" ou "alguém que usa antidepressivos e não consegue dormir" são lançadas como uma espécie de "isca". É certo que atingirá alguém, pois em grandes multidões, especialmente em eventos religiosos com foco em curas, cuja divulgação se estende além do âmbito da igreja, as pessoas, em especial as que sofrem algum tipo de enfermidade, são atraídas para esses eventos.

Nessas circunstâncias, é praticamente inevitável que alguém na platéia se identifique com as afirmações, dado o elevado número de pessoas que sofrem de condições de saúde comuns nos dias atuais, e a atração de propaganda de eventos que promovem curas induzem muita gente a tentar buscar uma cura alternativa para enfermidades.

A razão pela qual abordo este tema reside na minha observação, ao longo dos anos, de inúmeros pregadores que empregam estratégias e táticas semelhantes às utilizadas por médiuns, com o objetivo de enganar e manipular o público, conforme evidenciado aqui. A liberdade com que essas práticas se manifestam em ambientes carismáticos, pentecostais e neopentecostais é muito grande, e repito ainda mais, a falta de discernimento também é absurdamente enorme. Dificilmente testemunhei a denúncia dessas ações após os cultos, mesmo diante do uso e abuso de técnicas de manipulação, com informações imprecisas e especulações, as pessoas permanecem passivas e indiferentes.

O emprego do nome de Deus em vão, a manipulação de informações e a suposta revelação divina baseada em pressupostos, sem qualquer questionamento ou oposição por parte das lideranças religiosas e dos fiéis, é algo recorrente. Diante da ausência de contestação a essa conduta, as pessoas tendem a aceitar e acreditar que esses pregadores realmente recebem informações de uma fonte divina, assemelhando-se aos que creem em muitos médiuns psíquicos que usam essas táticas abordadas aqui neste artigo. Consequentemente, a fé é depositada, muitas vezes de forma ingênua, na suposta revelação celestial dos pregadores, sem usar discernimento bíblico e espiritual. Jesus nunca ensinou que devemos ser passivos nas questões espirituais, ele nos advertiu muito acerca de falsos profetas, nos convocou a vigilância e sobriedade e a sermos prudentes como as serpentes.(Leia Mateus 10:16)

A facilidade com que muitos impostores operam em contextos religiosos decorre da carência de profundidade

espiritual em alguns e do pragmatismo em outros. Esse tipo de pregação, embora não se baseie nas Escrituras e, em alguns casos, induza à prática de fraudes espirituais, atrai grande número de pessoas. Um amigo meu, também cristão, compartilhou sua experiência em relação à sua igreja. Ele relata que, durante os cultos de estudo bíblico, o templo permanece quase vazio, pois as pessoas demonstram pouco interesse em aprender sobre todos os conselhos de Deus e nutrir-se de alimento sólido. Contudo, em uma ocasião, um pregador, que na verdade era um falso profeta e alegava receber revelações divinas e possuir dons extraordinários, foi convidado. O templo se encheu de fiéis, uma grande multidão compareceu para ouvi-lo, mesmo que ele proferisse disparates, heresias e erros teológicos os presentes se sentiram satisfeitos. Essa situação evidencia o interesse de pessoas sem discernimento e a irresponsabilidade de líderes que, movidos pelo pragmatismo, buscam atrair multidões e obter benefícios financeiros, explorando a fé alheia abrindo espaço nos púlpitos para falsos pregadores e hereges, quando a bíblia ordena que hereges devem ser evitados. (Tito 3:10) Essa condição espiritual favorável permite que esses enganadores prosperem, explorando a incredulidade e a falta de discernimento.

Em sua epístola universal, Judas, no capítulo 1 e versículo 11, adverte sobre aqueles que se deixam seduzir pelo erro, em busca da recompensa como Balaão. Este, motivado pelo desejo de lucro, tentou negociar seus dons espirituais, levando o povo ao engano. Da mesma forma, nos dias atuais, alguns indivíduos induzem outros ao erro e praticam a fraude espiritual, impulsionados pela ambição de fama, reconhecimento e ganho financeiro. Agindo com

essa cobiça, exploram a fé e a ignorância alheias, visando alcançar seus objetivos. São motivados a usarem técnicas maquiavélicas no contexto religioso, introduzindo praticas cujo desempenho é objetivo, mas totalmente enganador. Que a graça divina e a iluminação do Espírito Santo guiem os leitores a discernir que tal conduta é contrária aos ensinamentos bíblicos, pois se baseia em erros e induz à crença em falsas doutrinas e a perdição eterna.

UMA RESPOSTA CRISTÃ AO MOVIMENTO WOKE

O termo Woke, que significa 'acordado' ou 'desperto', refere-se a uma cultura que teve suas origens nos Estados Unidos na década de 1960. Inicialmente alicerçada no movimento pelos direitos civis da época, essa cultura expandiu-se para incorporar expressões progressistas, caracterizadas por uma notável orientação política, representando uma voz do progressismo de viés esquerdista de nossos dias.

Em outras palavras, a cultura woke se se converteu, em essência, em uma vertente de índole progressista, intimamente atrelada a determinados partidos de esquerda e correntes pós-

modernas. Contudo, o movimento exibe características peculiares. Entre elas, destaca-se a promoção de uma forma de tribalismo. Para detalhar, enumero algumas de suas particularidades:

Em primeiro lugar, a categorização racial com uma ênfase desproporcional na identidade. Em segundo lugar, o policiamento da linguagem, com a imposição de novos termos e neologismos.

Em terceiro lugar, a cultura do cancelamento, manifestada na tendência de desqualificar indivíduos sem diálogo e na prática de boicotes a artistas e figuras públicas. Em quarto lugar, a adoção de uma visão binária e unilateral, que freqüentemente se traduz em preconceito com relação aos que opinam diferente embora tentem se apossar de uma luta social contra preconceitos. Esses aspectos, em conjunto, indicam uma subordinação a uma doutrinação ideológica, desprovida de diálogo e avessa à aceitação de perspectivas divergentes. Trata-se, portanto, de um manifesto com uma acentuada propensão ao empoderamento, tanto político quanto ideológico, que se revela como uma genuína apostasia moral.

Paulo, em uma de suas epístolas, discorre sobre um movimento de cunho moral, político e social. Nesse ensejo, ele profetizou que os derradeiros tempos seriam marcados por severas dificuldades. O movimento woke, por sua vez, insere-se com exatidão nesses padrões de decadência que caracterizam os últimos dias e os tempos desafiadores que ora vivenciamos O movimento, portanto, representa um desafio significativo à nossa democracia e, em particular, aos cristãos. Inicialmente, a liberdade de expressão é posta em risco e combatida por meios de reações quanto a discórdia de suas pautas. A conduta de seus

membros, em muitos casos, demonstra falta de abertura para diferentes opiniões. Há uma postura de intolerância, com resistência ao diálogo. Ademais, observa-se a disposição de silenciar aqueles que divergem de seus ideais e das doutrinas que defendem.

Outra ameaça reside na imposição de neologismos. Estes, ao criarem novas palavras ou atribuírem significados relativos a conceitos, em detrimento de seus sentidos absolutos, promovem uma interpretação flexível. Essa tendência, ao dilatar o entendimento de expressões, favorece a ascensão do relativismo moral, tornando-o uma norma subjacente que caracteriza qualquer movimento ideológico ou social de caráter progressista pós-moderno.

Embora o uso de neologismos seja recorrente, observa-se que sua aplicação se intensifica em regimes autoritários e intolerantes. Estes, ao se oporem a qualquer dissidência, buscam impor sua visão de mundo como única e sua ideologia como verdade absoluta. O recurso aos neologismos, portanto, serve como instrumento para reinterpretar conceitos, abandonar os princípios absolutos e consolidar o relativismo moral. Em suma, a utilização de neologismos é uma prática comum a todos os regimes intolerantes. Ademais, é imperativo considerar outra característica notável do movimento woke: uma moralidade relativista e subjetiva que, segundo observações, pode minar a estrutura social e dissolver os valores tradicionais da família e da sociedade. Em vista disso, é possível inferir que o movimento apresenta elementos que divergem dos princípios cristãos e bíblicos, sugerindo uma oposição aos ensinamentos religiosos tradicionais. Conseqüentemente, parece evidente que o movimento woke também encontra suas origens ou influencias

em uma esfera espiritual, possivelmente por causa de sua tendências e aspectos puramente anticristão. Além da tendência de minimizar a responsabilidade individual e promover um empoderamento coletivo, observa-se uma consequente diminuição da responsabilização pessoal pelos próprios atos. De acordo com a visão apresentada, os atos são agora interpretados como manifestações de um grupo, uma coletividade. Essa inclinação, portanto, revela-se prejudicial. A Bíblia Sagrada, por sua vez, enfatiza a importância da responsabilidade individual, um princípio fundamental contido em suas páginas, como será demonstrado a seguir.

Uma característica marcante desse movimento é a polarização radical de sentimentos. A divergência de opiniões e a contestação de seus ideais não são toleradas, gerando um sentimento de aversão. Essa intolerância se manifesta a partir do momento em que uma pessoa se posiciona contrariamente às suas idéias e as critica. Indivíduos pertencentes a esse grupo de militância demonstram, em geral, intolerância e aversão acentuada por aqueles que divergem de suas convicções. A motivação central desse movimento, em suma, induz seus participantes e apoiadores atados em uma forte influência ideológica, utilizar as idéias controvertidas como ferramenta política para promover agendas progressistas e pós-modernas. Atualmente, o movimento woke demonstra uma clara afinidade com a esquerda e com a desconstrução moral, característica de tendências modernas. Essas correntes buscam idealizar uma nova forma de humanidade e de sociedade, desvinculada dos valores judaico-cristãos. Em sua militância, empregam freqüentemente o discurso de ódio e a doutrinação ideológica.

Para obter apoio e continuar suas atividades, procuram alianças ou associações com partidos políticos que compartilham seus posicionamentos ou ideologias similares.
A composição do grupo demonstra uma postura de rejeição e ataque às tradições e instituições estabelecidas, com foco particular naquelas associadas aos valores religiosos, como a igreja e a família, que são frequentemente identificadas com a tradição judaico-cristã. Adicionalmente, o grupo parece divergir de interpretações históricas consolidadas, buscando promover uma reestruturação social que reflita seus ideais políticos e de militância. Essa postura se manifesta em um ativismo enérgico e crescente, com o movimento ganhando visibilidade nos tempos recentes.

O que a cultura woke e seus seguidores e defensores desejam é legitimação de comportamento em face da opinião dos discordantes, e caso contrario a reação é a intolerância por parte deles. Eles não estão se importando com justiça social coisa nenhuma! Você nunca verá a grosso modo, grupos militantes woke lutando contra a perseguição religiosa fazendo frente contra grupos terroristas que matam cristãos, embora seja fato de que os cristãos sejam o grupo religioso mais perseguidos m nossos dias. Cerca de 16 cristãos morrem por dia no mundo e quando há guerra civil em países islâmicos, o massacre sempre é evidente, o que ocorre agora (2025) em alguns países na Africa é uma prova irrefutável. Mas grupos progressistas estão apenas lutando pelos seus direitos ou daqueles que estão inseridos na sua “cultura” são seletivos e por isso o uso de dois pesos e duas medidas é ineviavel.

Uma resposta bíblica, primeiramente, ao relativismo moral. O

profeta Isaías, em seu livro, capítulo 5, versículo 20, profere juízo contra os defensores do relativismo moral: "Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem, mal." Essa inversão de valores é considerada abominação aos olhos do Senhor, e o juízo divino se estenderá sobre aqueles que a sustentam. Jesus, em Mateus, capítulo 5, versículo 37, afirma: "Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não. O que passar disto é de procedência maligna." Desta forma, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento sustentam a existência de valores morais absolutos, em oposição ao relativismo moral.

Em relação à oposição à Igreja Cristã, instituição que, conforme a crença, foi estabelecida por Deus, podemos observar em Atos, capítulo 9, versículo 4, que, no momento em que Paulo perseguia os cristãos, ele, na verdade, perseguia a Cristo. As palavras de Jesus a Paulo no caminho de Damasco revelam essa conexão: "Saulo, Saulo, por que me persegues?". Portanto, a partir dessas palavras, depreende-se que qualquer movimento, seja político ou ideológico, que se oponha à Igreja de Cristo, manifesta oposição ao próprio Cristo. Assim, por meio dessa passagem, compreendemos que opor-se à Igreja é o mesmo que opor-se a Cristo. E é exatamente isso que o movimento woke faz de modo direto ou indireto.

A postura cristã, diante da discordância, não é a coerção ou o ódio àqueles que se opõem à mensagem ou aos pontos de vista defendidos. Conforme as Escrituras, a orientação é clara: em Tito 3:10, a exortação é para evitar aqueles que persistem em erros e heresias, após advertências.

Nem Jesus Cristo, nem o apóstolo Paulo, preconizaram o ódio as pessoas em face da divergência de ideias, mesmo que estas contrariem os ensinamentos do cristianismo.

Em 1 Pedro 3:15, a recomendação é responder com mansidão e respeito àqueles que buscam a razão da fé cristã. O cristão não é chamado a odiar, mas a amar e, conforme o Sermão da Montanha, a orar até mesmo pelos inimigos. O próprio Cristo, na cruz, exemplificou esse amor incondicional, reconciliando o mundo com Deus, apesar da oposição de todos os pecadores.

A resposta cristã, portanto, é a mansidão, o temor e a busca pela reconciliação. Em caso de persistência no erro, após as devidas advertências, a atitude a ser tomada, conforme Tito 3:10, é evitar o contato com aqueles que se mantêm irredutíveis.

A passagem bíblica de 2 Timóteo, capítulo 3, versículos 1 a 4, descreve os tempos difíceis que precederão o fim, caracterizados por uma sociedade com comportamentos que se afastam dos princípios morais. Paulo adverte sobre uma geração que, por egoísmo, se tornará amante de si mesma, orgulhosa, blasfemadora, desobediente aos pais, ingrata, profana, sem controle, cruel, indiferente aos outros, traidora, implacável, arrogante e mais afeiçoada aos prazeres do que a Deus. No que concerne à instituição familiar, Jesus a estabeleceu e defendeu, conforme se observa em Mateus, capítulo 19, versículos 5 e 6.

Em relação ao coletivismo defendido pelo movimento woke, a Bíblia, em Romanos, capítulo 14, versículo 12, estabelece de forma inequívoca a responsabilidade individual. O apóstolo Paulo adverte que cada um prestará contas de si mesmo a Deus. Portanto, essa passagem bíblica evidencia que o ser humano será pessoalmente responsabilizado por suas ações perante o Senhor. Assim, o ensinamento bíblico enfatiza a responsabilidade pessoal como um valor fundamental, explicitamente demonstrado nas Escrituras. Que estejamos vigilantes em

relação às tendências perniciosas de nossa época. Freqüentemente disfarçadas sob a roupagem da justiça social, essas tendências, em sua essência, contrariam os valores bíblicos e se opõem aos princípios judaico-cristãos, constituindo-se, portanto, em um instrumento do mundo contra a Igreja de Cristo. Estejamos conscientes e preparados não apenas para enfrentar, mas também para perseverar diante dessas inclinações que caracterizam a nossa era, marcada pela proliferação da iniqüidade, conforme advertiu o Senhor Jesus acerca do fim dos tempos.

Entenda um pouco mais aqui:

https://australiaunwrapped.com/woke-culture-what-is-it/

Livreto Grátis: Pequeno Tratado Sobre Idolatria.

https://drive.google.com/file/d/1tIVIZgpXfMtnLkZn3GxawEjTSO7pJqG-/view?usp=drive_link

Livreto: Percepção Espiritual – Como Obter?

https://drive.google.com/file/d/13CTSsmkHYoNQcm1B1ZlxRjl-uhOPUvIQ/view?usp=drive_link

Livreto: Potestades das Trevas Como é e Como Opera

https://drive.google.com/file/d/1y82sTIya-YQRv9cFchmuC6ijHmJn5Fj-/view?usp=sharing

Acesse

www.heresiolandia.blogspot.com

Milhares de estudos bíblicos para sua edificação e artigos apologéticos para a defesa da fé

Livreto Grátis: Pequeno Tratado Sobre Idolatria.

https://drive.google.com/file/d/1tIVIZgpXfMtnLkZn3GxawEjTSO7pJqG-/view?usp=drive_link

Livreto: Percepção Espiritual – Como Obter?

https://drive.google.com/file/d/13CTSsmkHYoNQcm1B1ZlxRjl-uhOPUvIQ/view?usp=drive_link

Livreto: Potestades das Trevas Como é e Como Opera

https://drive.google.com/file/d/1y82sTIya-YQRv9cFchmuC6ijHmJn5Fj-/view?usp=sharing

Acesse

www.heresiolandia.blogspot.com

Milhares de estudos bíblicos para sua edificação e artigos apologéticos para a defesa da fé

ENTRE A VERDADE E O ERRO

(48)999616582

CLAVIOJJ@GMAIL.COM

LITERATURA CRISTÃ GRATUITA